

BOSI, Alfredo. "Prefácio". In: GADOTTI, Moacir. *Escola vivida, escola projetada*. Campinas, SP: Papirus, 1992. pp. 11-14.

Prefácio

Por ocasião de seu concurso de titular da disciplina Organização do Trabalho na Escola na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Moacir Gadotti resolveu passar a limpo a sua biografia de educador militante.

Foi uma decisão feliz, pois dela resultou um conjunto denso de ensaios que aqui se publicam com o título geral de *Escola vivida, escola projetada*.

São páginas que testemunham a paixão do educador que foi capaz de viver a sua já longa carreira de professor no centro de uma área de intersecção do universo pedagógico com o político.

O que para muitos representa uma embaraçosa decisão, um verdadeiro impasse (ou a escola... ou o partido), para Moacir Gadotti significou um repto aceito animosamente, embora ele próprio admita o quanto há de sofrido e problemático nesse encontro de exigências não raro implacáveis.

Descendo às matrizes do pensamento que vem alimentando as posições educacionais de Gadotti, reconhecemos um percurso cultural muito nosso, que é, em grande parte, comum a uma geração de intelectuais que entraram a participar da vida pública na década de 1960.

Nesse período singularmente fecundo para a cena ideológica brasileira, operou-se nos meios cultos uma viragem do existencialismo (quer leigo, quer religioso) para o marxismo.

As linhas de militâncias eram então várias, como bem sabemos os que nos envolvemos no processo, mas nenhuma atraiu tão intensamente a nova esquerda cristã quanto a versão gramsciana, o que atribuo às suas claras inflexões éticas quando não voluntaristas.

Para os que lidavam com projetos educacionais, a palavra de Antonio Gramsci era a mais original e estimulante. E acresce, no caso brasileiro e latino-americano em geral, que a notória disparidade entre a cultura letrada e a cultura popular demandava um tipo de reflexão que só o pensador dos Cadernos do Cárcere soubera desenvolver graças às particularidades da formação social italiana.

Na passagem de um genérico e generoso humanismo cristão (de que a dimensão ideal da consciência sempre fora o núcleo privilegiado) para uma teoria da sociedade realista, que se desejava científica, e que encarecia as determinações materiais do pensamento, o militante buscava ascender ao altiplano do *engajamento*: atitude que dependia necessariamente daquele *ottimismo della volontà*, afinal, comum ao salvacionismo e ao espírito revolucionário socialista.

Mas antes que ocorresse essa operação cultural e política, em que o fenômeno da passagem implica uma longa coexistência de valores, o terreno da prática pedagógica no Brasil já tinha sido arado, à sua maneira (e sem que a universidade o percebesse), pelo mestre de Moacir Gadotti e por uma geração inteira de educadores empenhados na transformação social do país: vinha dos anos 50, o método Paulo Freire.

Sem a mediação de Paulo Freire é difícil entender certos modos de pensar, agir e dizer peculiares ao educador brasileiro progressista entre os anos 60 e 80. Sob a ditadura militar e principalmente nos tempos esperançosos da abertura democrática, não se formulou nenhum projeto socializante de educação que passasse ao largo do paradigma criado pelo mestre pernambucano.

Com Paulo Freire trabalhou Moacir Gadotti longamente, desde os seus anos de formação na Europa até o exercício recente de funções administrativas na Secretaria Municipal de Cultura em São Paulo. Dele hauriu Gadotti a concepção dialógica do ato de ensinar-aprender, matriz de uma visão radicalmente democrática da escola, e que, a meu ver, se deve à paixão pela experiência da intersubjetividade inerente aos vários existencialismos.

Diria também que uma certa nota de desconfiança metódica em relação ao Estado ressoa, com frequência, nos escritos de Gadotti voltados para as políticas públicas de educação. Ouvida nos dias que correm, essa nota poderá confundir-se com as vozes neoliberais em moda. Sabemos, porém, que a sua origem é outra, e outra a sua qualidade: nasce dos sonhos comunitários que as igrejas progressistas vêm acalentando como resposta aos veios autoritários e à tecnoburocracia implantada pelos governos fortes da América Latina desde aqueles mesmos anos 60... São tendências centralizadoras que não se diluíram de todo apesar da pressão generalizada em favor das soluções democráticas. O triste exemplo peruano, não está, por acaso, aí, bem perto de nós?

Sem dúvida, o valor da liberdade prevalece sobre os demais nos escritos aqui reunidos. O ideal de uma *escola cidadã* está no cerne de um projeto de transformar a instituição convencional em uma rede de relações humanas fortemente “participativa”, envolvendo alunos, professores, funcionários, mães, pais e toda a comunidade servida pela unidade de ensino.

Chamo a atenção do leitor para o decálogo da nova escola autônoma e cidadã que vem transcrito em um dos capítulos centrais deste livro. Se realizado, o programa significaria a morte das instâncias puramente burocráticas, isto é, a supressão dos vários escalões oficiais intermediários entre a sala de aula e as autoridades estatais.

Coerentemente, Moacir Gadotti propõe um regime, a que chama de “autonomia relativa” (ainda Gramsci via estruturalistas franceses?), pela qual cada escola organizaria os seus recursos e as suas tarefas segundo as necessidades e as aspirações que lhe fossem próprias.

A descentralização perseguida em múltiplos níveis, repuxada até o limite da autogestão e do

respeito às diferenças regionais, é o alvo a ser atingido por essa concepção ultrademocrática que, no entanto, não renuncia ao ideário socialista, digamos, canônico, de superar a estrutura injusta de uma sociedade de classes. Um socialismo “de face humana” que, ao reagir contra o fetiche da estatização compulsória do socialismo “real”, nem por isso entra de cabeça nos paraísos artificiais do mercado.

Apreciando com a possível objetividade as propostas radical-democráticas de Gadotti à luz do contexto brasileiro de hoje, e com vistas à crise profunda do Sul – que já engloba o Terceiro e o Quarto Mundo – pode-se dizer que a filosofia que as permeia deverá enfrentar o desafio de animar uma pedagogia libertária sem prejuízo de dotar a criança e o jovem daqueles instrumentos mínimos de cultura humanista e técnica que lhes permitirão assumir o seu papel de cidadãos. A melhor política ainda é a que equilibra ciência e consciência.

Mas esta é uma reflexão que ainda ensaia os primeiros passos, e certamente faz parte dos projetos de Moacir Gadotti pensar uma escola em que o saber não se atrele necessariamente ao poder.

Alfredo Bosi
USP, abril de 1992